

Cid Seixas e Adriano Eysen  
(Org.)

# ORPHEU EM PESSOA



Simpósio Internacional 100 anos da revista *Orpheu*:  
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL

## ORPHEU EM PESSOA

O centenário da revista *Orpheu* permitiu-nos visitar, neste ano de 2015, a história de uma publicação de apenas dois números, formada por jovens rapazes. Não obstante a sua brevidade, *Orpheu*, fez com que a literatura escrita em português, e nomeadamente a poesia portuguesa, não mais voltasse a ser a mesma.

Essa e outras questões, sobre uma geração que teve como centro constelar o poeta Fernando Pessoa, são tratadas neste livro que é uma reunião de alguns trabalhos apresentados ao SIMPÓSIO INTERNACIONAL 100 ANOS DA REVISTA *ORPHEU*: FERNANDO PESSOA E AS POÉTICAS DA MODERNIDADE.

São ao todo dez autores que apresentam diferentes enfoques dos temas abordados.

# Fernando Pessoa: A poética da modernidade e a negação do fim entrópico

Audemaro Taranto Goulart

PUC Minas

Começo com uma afirmação que é óbvia para nós, admiradores e estudiosos da literatura: a de que o texto literário se renova a cada leitura que se faça dele ao longo do tempo. Realmente, o leitor sempre se surpreende quando, ao reler uma obra literária, descobre novos sentidos, novas sugestões, novas realidades e outros mundos.

Para respaldar a afirmação, cito um comentário de Bakhtin, quando o filósofo e pensador russo, teórico da linguagem e das artes, afirma em sua *Estética da criação verbal* nada menos do que isso:

A sobrevivência de uma grande obra nas épocas que lhe sucedem, próximas e distantes, parece, como estava dizendo, um paradoxo. No processo de sua vida póstuma, a obra se enriquece de novos significados, de um novo sentido; a obra parece superar a si mesma, superar o que era na época de sua criação. Pode-se dizer que nem sequer Shakespeare, nem seus contemporâneos, conheciam o “grande Shakespeare” que conhecemos hoje. É impossível fazer o nosso Shakespeare entrar na época elisabetana. Bielinski, em seu tempo, declara-

va que cada época sempre descobre algo novo nas grandes obras do passado. O que dizer disto? Fazemos acréscimos à obra de um Shakespeare? Introduzimos-lhe algo que não havia, modernizamo-lo, desnaturamo-lo? Modernizar e desnaturar, sempre o fizeram e o farão ainda. Não foi à custa disso que Shakespeare cresceu. Cresceu à custa do que realmente se encontrava e se encontra em sua obra, mas que nem ele nem seus contemporâneos podiam, lucidamente, perceber e avaliá-lo no contexto cultural da época. (Bakhtin, 1992, p.365).

Pode parecer surpreendente a afirmação mas é preciso lembrar que a obra literária é, de fato, algo misterioso, indecifrável na sua totalidade e, por isso mesmo, surpreendente. E isso ocorre porque a obra literária tem uma matéria-prima que é o berço e a origem do seu mistério: essa matéria-prima é a linguagem. Para verificar esse outro estatuto enigmático e misterioso, atente-se para o arranjo constitutivo da língua, o objeto que opera esse “milagre”. Vejam-se, portanto, as três condições que fornecem uma definição operacional de língua: 1) É constituída por um número finito de elementos: os fonemas e os morfemas. 2) Esses elementos combinam-se através de leis que também operam num número finito de possibilidades. 3) O resultado desse “jogo” mostra, surpreendentemente, um desempenho infinito. E isso é misterioso e surpreendente: como é que algo marcado por possibilidades limitadas – o número finito de elementos e o número finito de possíveis combinações – pode ter um desempenho infinito, que não cessa nunca, fluindo ao longo dos séculos? Aliás, lembre-se que esse é também o mistério da músi-

ca, quando se considera que as notas que a constituem apresentam-se em número finito, e elas se combinam também num número finito de possibilidades e, surpreendentemente, oferecem um resultado com um número infinito de criações.

Faço essa introdução para dizer do também misterioso e surpreendente universo que contorna a obra de Fernando Pessoa. Lembro aqui o seu primeiro livro – *Mensagem* – aliás único livro publicado em vida do poeta, porque vejo nele um mundo de grandezas: grandezas humanas, míticas, espaciais. Lá estão, por exemplo, a grandeza mítica de Ulisses, a grandeza histórica do conde D. Henrique, que marca o nascedouro da nação portuguesa, e a daquele que reuniu a história e o mito, El-rei D. Sebastião, assim como a grandeza utópica de um insuperável Quinto Império.

Mas por que destaco esse tema da grandeza? Isso poderia ser respondido de forma simples com a afirmação de que tudo decorre do sentimento de grandiosidade que imanta o universo criativo de Pessoa, o que tem a ver com mecanismos sutis, enraizados no interior do poeta, poderia dizer, com as chamadas formas inarticuladas que habitam o inconsciente e que se articulam no fazimento da obra, ecoando e evocando avatares de que, muitas vezes, nem suspeitamos que nos atingem. E esses avatares é que são recolhidos para a construção de um texto, de uma obra. Ouso mesmo dizer que tais mecanismos têm uma função de fazer frente à nossa precariedade como seres transitórios e imperfeitos. Seriam, no fundo, gestos de defesa que, a exemplo do que

Bakhtin disse de Shakespeare, sempre estiveram lá, na obra de Pessoa, à espera de uma oportunidade de emergirem.

Por isso também digo que, na obra pessoana, há mais do que o desejo de engrandecimento que o poeta quer atribuir a sua pátria e a sua gente. Ocorre ali algo que só o misterioso universo da linguagem e da obra literária poderia propiciar, e que eu traduziria como uma espécie de mecanismo que quer se contrapor ao lamento das perdas humanas, ao inevitável enfraquecimento de que somos vítimas, enfim, ao também inexorável caminhar do ser humano para o seu desaparecimento, para a sua extinção. É essa a mensagem que os poemas parecem nos trazer. Uma forma de superar a precariedade que nos constitui como sujeitos humanos e que nos marca como seres para a morte.

Mas de onde retiro tudo isso? Posso dizer que tais reflexões se originam de um *Spätzeit*. Este é um termo alemão formado pela junção da palavra *Spät*, que significa “tarde” e *Zeit*, que significa “tempo”. Desse modo, pode-se dizer que o *spätzeit* seria algo como “o último período”, um conceito que, segundo o professor suíço Walter Moser, já adquiriu um status historiográfico, daí que se possa traduzir o conceito como uma “época tardia” ou um “tempo que chega tarde”.

É possível aproximar o *Spätzeit* de um sistema cósmico fechado que evolui segundo a lei da entropia, conceito que, em linhas gerais, pode ser definido como a organização de um sistema cuja variação termodinâmica é medida pelo calor trocado entre o sistema e seu

exterior. Essa troca resulta numa progressiva perda de energia, o que pode ser comprovada com a observação de um modelo natural, como é o planeta Terra, originado de uma nuvem de gases e poeira que se contraiu, formando grandes agrupamentos de partículas de gelo e rocha. À medida que as partículas de rocha se chocavam, eram imantadas por uma radioatividade que produzia forte calor o que levou o planeta a transformar-se numa grande bola incandescente de lava. Com o passar de bilhões de anos, essa bola começou a perder calor para o espaço, numa troca que levou o planeta a um progressivo resfriamento. Tal resfriamento continua, encaminhando a terra, inexoravelmente, a um fim entrópico.

É por isso que Moser esclarece que a “energia se perde, os recursos se consomem e, conseqüentemente, diminuem; o tamanho das criaturas que esse sistema é capaz de produzir vai diminuindo, a força criadora dos humanos se enfraquece” (Moser, 1999, p. 34), daí a afirmação de que os humanos são aqueles que chegam tarde a um sistema que vai encolhendo. Por esse motivo, o sujeito “vive na consciência de uma perda irreparável, sente muitas vezes nostalgia de um passado grandioso e heroico” (Moser, 1999, p. 35),

Essa imposição da diminuição da energia nos remete ao mito, mostrando como no passado tudo exibía uma energia muito maior, o que se manifestava até mesmo no tamanho dos indivíduos. É o que Moser mostra quando se refere ao naturalista Buffon, para quem “as ossadas dos mamutes, encontradas nas regiões fri-

as, são testemunhas de um clima mais quente no passado, o que teria permitido à natureza criar espécies animais maiores que as do tempo presente” (Moser, 1999, p. 35).

Nesse sentido, é interessante ver como a nostalgia dos humanos vai em busca de um conforto que pode ser encontrado na mitologia, numa espécie de lembrança dos tempos em que os heróis eram enormes. Junito Brandão, no volume III de sua *Mitologia grega*, lembra que Hércules exibia uma anomalia de possuir três fileiras de dentes e uma altura de mais de três metros. A isso, Brandão ajunta as informações de que “a altura, ou melhor, “a altitude” de Aquiles era de cinco metros e noventa e quatro centímetros ! Os ossos de Orestes encontrados em Tégea permitem atribuir-lhe uma estatura de quatro metros e sessenta e dois centímetros (Heród. 1,68). E, ao lado desses “píncaros heroicos”, poder-se-iam alinhar igualmente Teseu, Pélops, Aristômaco, Oto, Oríon (Brandão, 1993, p. 54).

É por isso que falei no mundo de grandezas humanas, míticas, espaciais no livro *Mensagem* de Fernando Pessoa. Ao celebrar sua pátria e os heróis que lhe deram uma dimensão histórica, o poeta aciona seus avatares míticos e dá uma plenitude de tamanhos que traduzem seu desejo de exaltação da gente portuguesa. Essa linha de leitura do livro de Pessoa, com toda certeza, não foi bem reconhecida por seus contemporâneos, mas, repetindo o que Bakhtin disse de Shakespeare, o texto de Pessoa “cresceu à custa do que realmente se encontrava e se encontra” nele, e também não pôde ser



lucidamente avaliado naquela sua época. É isso que pretendo mostrar com umas poucas considerações sobre alguns poemas de *Mensagem*, inclusive para mostrar que estamos todos envolvidos num autêntico *SpätZeit*.

Começo, então, essas considerações, tomando o poema D. Sebastião:

D. SEBASTIÃO

*Sperai! Cabi no areal e na hora adversa  
Que Deus concede aos seus  
Para o intervallo em que esteja a alma immersa  
Em sonhos que são Deus.*

*Que importa o areal e a morte e a desventura  
Se com Deus me guardei?  
É O que eu me sonhei que eterno dura,  
É Esse que regressarei.*  
(Pessoa, 1995, p. 84)

Veja-se que o poema, ao tomar a figura do lendário rei D. Sebastião, eleva-o a uma dimensão transcendente, mítica, promovendo uma identificação do monarca com a divindade, um estado que desdenha o transitório e o precário da vida terrena, pois isso já não mais importa. É essa perspectiva que promete o regresso de D. Sebastião não mais como o indivíduo que seus contemporâneos conheceram mas como um ser superior, miraculoso, pronto para erigir o Quinto Império. Vejam-se as grandezas aí presentes.

Passo, então, ao exame de:

O QUINTO IMPÉRIO

*Triste de quem vive em casa,  
Contente com o seu lar,  
Sem que um sonho, no erguer de asa,  
Faça até mais rubra a brasa  
Da lareira a abandonar!*

*Triste de quem é feliz!  
Vive porque a vida dura,  
Nada na alma lhe diz  
Mais que a lição da raiz –  
Ter por vida a sepultura.*

*Eras sobre eras se somem  
No tempo que em eras vem.  
Ser descontente é ser homem.  
Que as forças cegas se domem  
Pela visão que a alma tem!*

*E assim, passados os quatro  
Tempos do ser que sonhou,  
A terra será teatro  
Do dia claro, que no atro  
Da erma noite começou.*

*Grecia, Roma, Cristandade,  
Europa – os quatro se vão  
Para onde vae toda idade.  
Quem vem viver a verdade  
Que morreu D. Sebastião?*

(Pessoa, 1995, p. 84)

Esse poema é bem uma amostra de como se digladiam os paradoxais sentimentos e vontades do ser humano. Sua mensagem é como que uma exortação que se faz ao homem, no sentido de que ele encontre uma espiritualidade que o leve a uma transcendência, mas uma transcendência que pode se dar no mundo mesmo em que ele vive. Para tanto, basta ter a vontade de sonhar, de imaginar-se diante de um desafio que a própria vida lhe oferece. É, pois, como se pode ver, uma exortação à grandeza, à superação dos limites tal como se pode ver na *hybris* grega, modo como o ser humano há de incidir no desfiladeiro radical da coragem e da crença num outro tipo de vida.

O poema propõe esse exercício incitando ao abandono de uma vida que se contenta com coisas insignificantes como o pseudo prazer do estar em casa, no aconchego da lareira. Essa enganosa felicidade mal é entendida por quantos vivem sem a grandeza do sonho, mal sabendo que sua vida é tão-somente a sua sepultura. Daí que o sujeito poético advirta que ser descontente é a índole e o instinto natural do homem e a superação disso só pode vir da grandiosidade da alma. O espírito do homem, certamente, há de conduzi-lo ao triunfo de uma vida nova, de um mundo novo, tal como o sonhado Quinto Império, em que espiritualidade e sonho se organizam para trazer uma nova idade, superior àquela que viveram Grécia, Roma, a Cristandade e a Europa. Para que isso aconteça, é suficiente acreditar no sonho e na verdade pelos quais morreu D. Sebastião. Mais uma vez, aí está o registro da exaltação da grandeza mítica,

humana e espiritual que Pessoa acalentou no seu fazer poético.

Tomo, agora, o segundo poema do profetismo, o singular “António Vieira”.

ANTONIO VIEIRA

*O céu strella o azul e tem grandeza  
Este, que teve a fama e a glória tem,  
Imperador da língua portuguesa,  
Foi-nos um céu também.*

*No immenso espaço seu de meditar,  
Constellado de fórma e de visão,  
Surge, prenuncio claro do luar,  
El-Rei D. Sebastião.*

*Mas não, não é luar: é luz e ethereo,  
É um dia: e, no céu amplo de desejo,  
A madrugada irreal do Quinto Imperio  
Doira as margens do Tejo.*

(Pessoa, 1995, p. 86)

Nesses versos, a figura do grande jesuíta se estabelece através de metáforas solenes, vale dizer, grandiosas, como a que se vê na primeira estrofe, onde Vieira surge como o céu de Portugal:

No anúncio visionário, Vieira não apenas evoca a figura clara e estelar de D. Sebastião mas, sobretudo, a do Quinto Império, uma das construções mais ousadas e também mais belas da pena do jesuíta (Um crítico chegou a dizer que Portugal, hoje, mais que nunca, ne-

cessita de um outro Padre Vieira para aprender a acreditar no futuro). Essa dimensão do Quinto Império talvez seja, tanto em Vieira quanto em Pessoa, uma das mais grandiosas imagens que se atribuiu ao mundo português, talvez apenas superada pelas miraculosas construções camonianas em *Os Lusíadas*, daí que, a madrugada irreal do Quinto Império doure o Tejo, ou seja, Portugal.

Destaco agora um dos poemas mais significativos do livro porque nele se faz presente a evocação do poderio português no domínio dos mares (não se esqueça de que a epígrafe da segunda parte, onde está o poema é, justamente, “Possessio Maris” - A posse dos mares), e nesse domínio dos mares explode o mito de D. Sebastião que ganhou notável projeção, como se vê no poema abaixo:

#### A ÚLTIMA NAU

*Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros de ancia e de presago  
Mistério.*

*Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta  
Que teve?  
Deus guarda o corpo e a fôrma do futuro,  
Mas Sua luz projecta-o, sonbo escuro  
E breve.*

*Ab, quanto mais ao povo a alma falta,  
 Mais a minha alma atlântica se exalta  
 E entorna,  
 E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,  
 Vejo entre a cerração teu vulto baço  
 Que torna.*

*Não sei a hora, mas sei que há a hora,  
 Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora  
 Mysterio.  
 Surges ao sol em mim, e a névoa fnda:  
 A mesma, e trazes o pendão ainda  
 Do Império.*

(Pessoa, 1995, p. 82)

O poema produz um movimento de ida e volta, na medida em que projeta o destino do rei, rumo ao seu desaparecimento. O pendão do império, metáfora nítida da grandiosidade portuguesa, não sucumbe ao aziaço e trágico final da batalha da qual D. Sebastião não retornou. É interessante verificar como o sujeito poético formula algumas perguntas que procuram saber do rei. Mas são simples perguntas retóricas, espécie de antítese para a gloriosa síntese que vem a seguir, o que está anunciado na alma atlântica do sujeito poético, alma que sobreleva a tudo e que entorna, transborda, dada a sua inabarcável dimensão. E isso traz a certeza da volta do rei – “Não sei a hora, mas sei que há a hora” – que romperá a névoa com que o tempo dos homens chega a nublar a terra, o que está marcado com a metáfora-símbolo do poema que vem fechar o texto,

indicando que o rei traz o pendão do Império, ou seja, faz Portugal reerguer-se.

Para finalizar essas considerações, tomo dois poemas que me parecem exemplares para falar da representação mítica e da grandeza de Portugal e de seus filhos. Trata-se de “Fernão de Magalhães” e “Ascensão de Vasco da Gama”, poemas que focalizam dois grandes navegadores lusitanos e que, por isso mesmo, estão situados na segunda parte do livro *Mensagem*, parte que, significativamente, intitula-se “Mar Português”.

#### FERNÃO DE MAGALHÃES

*No valle clareia uma fogueira.*

*Uma dança sacode a terra inteira.*

*E sombras disformes e descompostas*

*Em clarões negros do valle vão*

*Subitamente pelas encostas,*

*Indo perder-se na escuridão.*

*De quem é a dança que a noite aterra?*

*São os Titans, os filhos da Terra,*

*Que dançam da morte do marinheiro*

*Que quiz cingir o materno vulto —*

*Cingil-o, dos homens, o primeiro —,*

*Na praia ao longe por fim sepulto.*

*Dançam, nem sabem que a alma ousada*

*Do morto ainda commanda a armada,*

*Pulso sem corpo ao leme a guiar*

*As naus no resto do fim do espaço:*

*Que até ausente soube cercar*

*A terra inteira com seu abraço.*

*Violou a Terra. Mas elles não  
O sabem, e dançam na solidão;  
E sombras disformes e descompostas,  
Indo perder-se nos horizontes,  
Galgam do valle pelas encostas  
Dos mudos montes.*

(Pessoa, 1995, p. 81)

Para dar conta da presença do componente mítico, contornado num perfil de grandeza colossal, chamo a atenção para a presença dos Titãs.

O poema exalta a figura de Fernão de Magalhães, o lendário navegante que comandou a expedição marítima em sua primeira grande viagem de circum-navegação ao globo. Anuncia-se uma espécie de celebração realizada pelos Titãs, festejando a morte do herói-marinheiro. No confronto que então se estabelece, os gigantes não conseguem alcançar a verdade de que a figura do navegante é imortal e sobrevive na alma ousada “Do morto [que] ainda commanda a armada, / Pulso sem corpo ao leme a guiar”.

Destaque-se no poema a configuração mítica, marcada na presença das figuras dos Titãs, seres monstruosos nascidos da união de Geia, a Terra, e seu filho Urano, o Céu. Eram eles tão disformes que, mal nasciam, Urano os encerrava nas profundezas da Terra. Essa condição é que me parece estabelecer um contraste entre humano e não-humano, responsável pela projeção que o poema realiza para promover a redenção das figuras lendárias, vale dizer, figuras mitificadas, de heróis por-



tugueses. Desse modo, quero lembrar a significação que adquirem os seres nascidos da Terra. Segundo as observações do antropólogo Lévi-Strauss (1973, p. 249), tais seres configuram-se como disformes justamente porque sempre apresentam defeitos físicos, o que se explica pelo fato de a saída do seio da Terra, no momento do nascimento, fazer-se de forma tão dolorosa que é impossível eles não sofrerem lesões e aleijões. Desse modo, de acordo com as referências da mitologia, os monstros sempre se caracterizam como seres ctônicos, ou seja, nascidos da Terra e, portanto, de natureza completamente diversa do ser humano. Seria oportuno também lembrar a figura emblemática do gigante Adamastor, n'Os Lusíadas, que, ao se apresentar ao Gama, anuncia-se, dizendo: “Fui dos filhos aspérrimos da Terra, / Qual Encélado, Egeu e o Centimano” (1970, p. 1252) Note-se a pertinência com que Camões fala do Adamastor como um “dos filhos aspérrimos da Terra”.

Como se pode deduzir, essa diferença entre humanos e não-humanos é a razão pela qual os Titãs não conseguem se dar conta da imortalidade do herói-navegante, aquele “Que até ausente soube cercar / a terra inteira com seu abraço” (PESSOA, 1997, p. 55). Afinal, é imensa a diferença entre um ser, originado na divindade, o homem, e um que se produz nas entranhas da Terra.

Pois é, exatamente, essa dimensão opositiva que dá margem à criação de um poema exemplar, como o “Ascensão de Vasco da Gama”.

ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

*Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra  
Suspendem de repente o odio da sua guerra  
E pasmam. Pelo valle onde se ascende aos céus  
Surge um silencio, e vae, da nevoa ondeando os véus,  
Primeiro um movimento e depois um assombro.  
Ladeiam-o. ao durar, os medos, hombro a hombro.  
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões*

*Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta  
Cabe-lhe, e em extase vê, à luz de mil trovões,  
O céu abrir o abysmo à alma do Argonauta.*

(Pessoa, 1995, p. 81)

Como se pode perceber, há no poema uma conjugação de mitos, marcada em traços bastante característicos: a luta entre os deuses olímpicos (os deuses da tormenta) e os Titãs, a chamada Titanomaquia, a figura do Argonauta, que identifica Vasco da Gama, e a própria ascensão do navegante, que se faz num plano mítico e divinatório. Nessas condições, observa-se a predominância religiosa, uma vez que o poema abre-se em três níveis: o dos Titãs, o dos deuses da tormenta, que eram superiores, e o do céu que acolhe a alma do Argonauta. Para pôr em relevo essa supremacia do divino cristão, o eu poético compõe um cenário que se abre à moda de um espetáculo audiovisual impressionante, como se pode perceber pelo fato de a ascensão do herói levar, inclusive, à suspensão da guerra entre gigantes e deuses que pasmam ante a grandiosidade do que se lhes dá a ver. Inicialmente, faz-se o silêncio para receber, por

entre a névoa, ondeando os véus, o assombro que é a ascensão que começa a projetar-se. Esse espetáculo, marcado pela junção sonora (silêncio) e visual (névoa/véus), vai prodigalizar-se no rastro que rugem em nuvens e clarões (novamente, têm-se as dimensões sonora e visual), provocando outro êxtase, agora o do pastor na terra. É nesse momento grandioso que o poema se fecha. É quando o pastor, gelado e extático, vê “O céu abrir o abismo à alma do Argonauta”.

Tem-se, assim, nada menos que quatro níveis em que se processa o poema: o dos filhos da Terra (os seres ctônicos), o dos deuses olímpicos, o dos humanos e o divino-cristão. Como se viu no poema anterior (Fernão de Magalhães), o ser humano se sobrepõe ao ser ctônico pela possibilidade da redenção. Assim, o nível dos deuses olímpicos também não terá como sobrepor-se ao humano. Por esse motivo é que todos param extáticos e perplexos quando se dá a ascensão de Vasco da Gama, o herói que se projeta no abismo do céu.

Estes são alguns modos de ler as mensagens de *Mensagem*, obra que trabalha as dimensões do tempo para fazer ecoar um mundo mítico que, ao fim, é um mundo espiritual, onde os heróis e os antepassados ilustres oferecem-se como exemplos para a redenção de sua pátria e de sua gente. E em tudo isso, sobreleva-se a grandeza que funciona como linha de força dos poemas, produzida numa dimensão mítica que atua no sentido de acenar como uma compensação ao *Spätzeit* dos humanos. Afinal, estamos imersos em um mundo que vai, gradualmente, perdendo a força e nós, habitantes desse mundo, também vamos definhando quando nos compara-

mos aos grandes seres que nos antecederam séculos e séculos atrás. Chegamos tarde a essa morada nossa e quando cultuamos os seres do passado mítico sentimos uma espécie de conforto espiritual, uma memória reveladora da nossa espécie, o que nos faz sentir que, ao final, ainda temos forças suficientes para enfrentar os desafios de um mundo que caminha para o seu fim entrópico. E Fernando Pessoa retratou isso, admiravelmente, na sua *Mensagem*.

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*, v. III, Petrópolis: Vozes, 1993.

CAMÕES, Luís de. *Obras de Luís de Camões*. Porto: Lello & Irmão, 1970.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Trad. Chaim S. Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar S.A., 1995.

MOSER, Walter. Spätzeit. In: MIRANDA, Wander Melo (org). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Este 6º volume da Coleção Oficina do Livro, denominado *Orpheu em Pessoa*, reúne alguns trabalhos apresentados ao Simpósio Internacional 100 Anos da Revista *Orpheu*: Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade, realizado no mês de junho de 2015.

O leitor deste livro virtual terá a feliz oportunidade de ter acesso a dez artigos dos seguintes autores brasileiros e estrangeiros:

Jerónimo Pizarro,  
Adriano Eysen,  
Manuela Parreira  
da Silva,  
Sandro Ornellas,  
Audemaro Goulart,  
Alana El Fahl,  
Luiz Antonio Valverde,  
Tércia Costa Valverde,  
Cid Seixas  
e Lélia Parreira Duarte.

# ORPHEU EM PESSOA

Cid Seixas e Adriano Eysen  
organizaram este volume a partir  
dos trabalhos apresentados ao  
Simpósio Internacional 100 anos da Revista *Orpheu*:  
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade.

Com este livro,  
mais um grupo de estudiosos  
brasileiros e estrangeiros  
integra-se ao esforço reatizado  
no processo de consolidação  
da Editora Universitária do Livro Digital,  
empreendimento destinado a oferecer  
à comunidade publicações de real valor  
e acesso inteiramente gratuito.

Um trabalho com o selo de qualidade

**e-book.br**